

FOLHA DA JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.

Av. Duque de Loulé, 90-r/c D.º — Lisboa

Composto e impresso na Tip. UNIAO GRAFICA — Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA

Com aprovação Eclesiástica

Preço

1 \$50

TUDO E TODOS AO SERVIÇO DA VERDADE

VAI a Acção Católica Portuguesa, neste ano que em breve se inicia, lançar-se numa Campanha que é para todos nós um programa: a VERDADE na VIDA.

Da oportunidade desta Campanha nenhuma de nós duvida: à nossa beira temos visto cometer mil traições — ora pequenas, ora grandes — àquela verdade de que Cristo nos veio dar testemunho. E, quantas vezes, em momentos de sinceridade maior, não nos teremos já reconhecido a nós próprias atingidas por essa horrível «lepra» da incoerência e da mentira...

Se a Campanha da verdade interessa a todos a ninguém pode entusiasmar mais do que à gente nova. Por isso vai a J. C. F. caminhar na vanguarda da batalha que se prepara — é próprio dos novos saberem arriscar a vida e tomarem os postos avançados.

Jucistas e jacistas; jecistas, jicistas e jocistas, todas temos o nosso lugar marcado nesta empresa: se às jucistas se pede que venham para a liça com todos os talentos que a sua vocação especial de cultura desenvolveu e valorizou — quem mais do que elas pode pôr-se ao serviço da verdade? — às restantes raparigas dos outros Organismos da J. C. F. se exigirá também que toda a sua vida de trabalho ou de estudo, de recreio ou de relações seja um autêntico testemunho dessa mesma verdade. A todas nós a Igreja deu igual mandato oficial: *ide... este ano ensinai a toda a gente como se vive na verdade!*

Tremendo encargo...

Dentro desta Campanha que queremos espalhar ao longe e ao largo, numa extensão e profundidade que se não mede, temos de aferir todas as nossas posições e atitudes para nos pormos sempre de acordo com os princípios que

servimos. Só na medida em que formos fiéis à verdade, poderemos dar ao mundo a resposta por que ele anseia e conseguiremos apaziguar tanta inquietação e dúvida que atormenta os homens. Somos missionárias da Verdade? Esta missão obriga-nos a duas atitudes bem concretas: busca da Verdade total que só de olhar bem alevantado descobriremos; busca da pequena parcela de Verdade que encontraremos em todas as almas de boa vontade que vivem connosco e ao nosso lado.

Vai pois ser este um ano *exigente* para nós. Teremos de fugir a tudo o que nos desvie da verdade que prometemos solenemente servir e tentaremos, num desejo ardente de compreensão de todos os meios ou condições sociais, contribuir para que a suprema ambição de Cristo: «ut unum sint» seja finalmente vivida em espírito e em verdade.

JÚLIA GUEDES

ISTO, é contigo...

Vai começar o ano do *nosso* Congresso. Não o Congresso da Comissão Executiva, mas o *nosso* Congresso. Portanto, teu também. Ele será o que tu quiseres que seja. Melhor: ele será o que tu fores.

Amor e a seriedade que puzeres no teu estudo de universitária católica hão-de guindá-lo a um nível mais alto.

A vivência, a espiritualidade com que enriqueceres o teu catolicismo far-te-ão merecê-lo.

Merecê-lo, sim: tens que merecê-lo, vivendo-o na vida de cada dia, rezando insistentemente por ele.

E escuta: rezar pelo Congresso não é pedir o brilhantismo das coisas temporais. Rezar pelo Congresso é pedir que por ele a J. U. C. F. se renove e fortaleça, é pedir que todas as raparigas universitárias se realizem plenamente, é pedir que a Igreja seja glorificada pelas suas filhas estudantes, é pedir que o Reino venha, que Deus venha.

Cada uma de nós tem a sua honra de jucista, de católica empenhada no Congresso. Atiramo-lo para a rua com um rótulo de pensamento católico. Que ideia vamos dar deste pensamento católico? Mais do que o organismo a que pertencemos, está em jogo o prestígio da Igreja. Queremos nós comprometê-lo?

Não quero fazer propaganda do Congresso junto de ti. Que sentido teria encarecer-te uma obra que é tanto tua como minha, que pode ser mais tua do que minha?

Concretizemos já: vai cair-te em cima uma chuva de inquéritos. Exigem esforço, estudo, trabalho. Far-te-ão perder muitas horas. Obrigar-te-ão a passa-

res por maçadora junto de muitos a quem não desistirás de pedir as respostas nos prazos marcados. Mas são um esplêndido factor na tua valorização. Ajudam-te a abrir os olhos para o teu meio, a ver, a julgar — caminho meio andado para agir. Mais: eles acordarão na massa universitária a inquietação por muitos problemas e, se tu quiseres, eles serão muito mais do que uma formal preparação do Congresso; eles serão já, pelo interesse despertado no estudo desta ou daquela questão, pelo acordar dos espíritos, a realização efectiva do Congresso.

É preciso que para ti os inquéritos não sejam enfadonha papelada, mera burocracia a que é forçoso atender.

Os inquéritos são o *ponto vital* do Congresso.

Se tu não puseres todo o teu interesse, a tua inteligência, a tua generosidade, neste ponto concreto, o Congresso não poderá realizar-se.

Eu não receio que outros nos venham sabotar o Congresso. Receio que tu, que cada uma de nós queira deliberadamente sabotá-lo.

Sempre que não correspondes ao que se te pede, ou correspondes menos bem, *estás a traír*.

Não chegam entusiasmos da última hora; disso toda a gente é capaz, porque não custa. A ti, porque és jucista, pede-se-te muito mais. Pede-se-te o esforço sério, inteligente, entusiasta, de todos os instantes, *desde a 1.ª hora*.

Começa já. Não adies para um longínquo amanhã a tua contribuição pessoal, *única*, para o Congresso.

Deste modo, apesar dos sacrifícios que hão-de ser muitos, apesar de tanto que se nos pede, *nós todas*, «sorrindo e dando as nossas mãos», unidas em Cristo, faremos uma cadeia forte — pelo trabalho consciente realizado em nós e junto de nós, pela oração que cada vez mais pura e mais firme há-de subir até Deus.

Nada nos fará desistir ou desanimar. Porque nós queremos «esta» presentes». Queremos «servir a Igreja».

NOTÍCIAS DO MUNDO INTEIRO

O que a mulher deve ao cristianismo — (Do discurso de S. S. Pio XII aos funcionários e empregadas administrativas — 25 de Abril 1952).

Foi o cristianismo o primeiro e o único a descobrir e cultivar na mulher, serviços e tarefas, que são o verdadeiro fundamento da sua dignidade e a razão do seu mais profundo desenvolvimento, sem desconhecer, de resto, os seus valores exteriores e interiores. Assim surgiram e se afirmaram, na civilização cristã, novos tipos de mulheres, como por exemplo — mártires da religião, santas, apóstolas, virgens, autoras de grandes remodelamentos, consola-

doras dos sofrimentos humanos, protectoras das almas perdidas, educadoras. À medida que aparecem novas necessidades sociais, a sua missão benéfica estende-se igualmente, e a mulher cristã torna-se um factor necessário da civilização e do progresso.



Moçambique — O último conselho plenário da assembleia diocesana da Beira informou-nos sobre algumas das actividades da juventude feminina católica: — *campanha da modéstia* — para combater as modas exageradas e excessiva liberdade de maneira na vida pública e privada; *campanha do cinema* — que levou entre outras coisas à publicação no jornal de uma rubrica de filmes classificados segundo o seu valor moral; *campanha pascal* — com o fim de preparar o público para a comunhão pascal geral; colaboração para um subsídio internacional para os lugares santos; dias de estudo para dirigentes e militantes.



Goa — Entre os vários pontos do programa para 1952-1953 da A. C. de Goa, salientamos — o estudo das possibilidades de estabelecer um centro catequístico social entre os pobres — a intensificação da vida eucarística por meio do apostolado da oração — o apostolado catequístico e social entre os pobres para melhor corresponder às urgentes exortações do Santo Padre — a intensificação da Cruzada Missionária em relação com o 4.^o Centenário da morte de S. Francisco Xavier — Campanha da oração em família para obter a paz — Campanha do Natal e da Páscoa — Preparação da festa de Cristo Rei — amor e fidelidade incondicionadas à Santa Igreja e esforço por uma piedade litúrgica mais consciente.



Uruguay — Uma campanha muito a propósito... Continuando a sua campanha de moralidade de 1952, toda a A. C. do Uruguay põe a sua atenção nos livros, na imprensa, nas publicações em geral: classificação dos livros e das revistas mais espalhadas segundo o seu valor moral — reorganização e criação de bibliotecas, com livros adaptados a todos os gostos e a todas as idades — difusão de bons livros e revistas — discussão em assembleia, sobre o valor de obras da actualidade.

"PAX ROMANA"

Congresso do Canadá



Realizou-se de 26 de Agosto a 1 de Setembro, no Canadá, o XXII Congresso Mundial de Pax Romana. Tomaram parte nos trabalhos cerca de 600 intelectuais e universitários católicos, representando 47 países. O Congresso decorreu num ambiente de grande interesse e intenso trabalho intelectual. As teses foram excelentes e os congressistas participaram activamente nas discussões das reuniões parciais. Os próximos números do jornal de Pax Romana farão o relato pormenorizado dos trabalhos do Congresso. Entretanto, o Secretariado Geral de Pax Romana em Friburgo está preparando o livro de Actas que conterà: a carta do Santo Padre sobre a Missão da Universidade, dirigida aos Presidentes do M. I. I. C. e M. I. E. C.; os textos das teses; o discurso de encerramento do Congresso pelo novo Presidente do M. I. I. C., Prof. Hugh Taylor (Princeton University, U. S. A.); as conclusões de cada comissão e as conclusões gerais do Congresso.

Eis algumas das conclusões gerais que revelam o alto nível do Congresso e mostram o interesse que têm para nós os trabalhos que no Canadá tiveram lugar.

«A educação superior pressupõe uma concepção integral do homem e do seu lugar no seio da comunidade, do mesmo modo que pressupõe uma justa noção da Verdade. Na plenitude da sua realização, a educação superior procura dar ao estudante, qualquer que seja a especialização a que se consagra, uma visão do homem e das coisas onde se salvguarde a verdadeira escala dos valores e que seja simultâneamente bastante firme para resistir a todos as tentações ideológicas, capazes de o seduzirem, e bastante elástica para acolher e assimilar todo o progresso e todas as criações autênticas do espírito».

«Centro irradiador de vida intelectual, a Universidade não cumprirá totalmente a sua missão educativa se não se considerar votada à investigação da Verdade. Esta deve entender-se, primeiro, no sentido restrito de conquista do saber, utilizando os processos mais aperfeiçoados da técnica e todos os recursos da ciência; indo mais longe ainda, a Universidade deve dar ao estudante um certo sentido contemplativo da Verdade, ensinando-o a olhar as coisas não só dum modo simplista, como matéria que o homem dominará, mas ainda como criaturas de Deus. Atitude que implica o respeito diante do mistério dos seres, inteligíveis e transcendentés ao mesmo tempo, a sinceridade, a coragem e, para o cristão, esta serenidade confiante que lhe dá a certeza da harmonia secreta entre as afirmações da fé e as aventuras da ciência».

«O fim próprio da Universidade ultrapassa as limitações de tempo e de lugar. As instituições universitárias são, portanto, de natureza a promover os valores sem os quais uma verdadeira comunidade internacional não poderia constituir-se. Nada do que é humano pode permanecer estranho ao humanismo integral que professa a Universidade. Ela pretende conhecer o homem todo e todos os homens e a sua mensagem é universal. Esta universalidade envolve e vivifica todas as culturas nacionais legitimamente diferenciadas e impede-as de se fecharem e de se oporem umas às outras.»

«É preciso que a Universidade se empenhe em contribuir para a harmonia interna da sociedade, preparando pelos seus conselhos, pela orientação que fornece ao estudante, até mesmo por uma adaptação justa do seu funcionamento à missão específica da mulher universitária e à sua vocação futura, uma repartição cada vez melhor das actividades profissionais, em relação com as condições económicas e sociais».

AS NOSSAS IRMÃS

PROBLEMAS RURAIS

Habitados como estamos a ouvir cantar as belezas do campo no bucolismo dos nossos poetas ou na simplicidade dos cantares do povo, esquecemos, por vezes, que, ali, como na cidade, nem tudo é simples, puro, elevado e digno.

A onda de materialismo que pretende arrastar-nos, em vertiginosa correria, para o que é baixo e indigno, vai alastrando assustadoramente nos nossos campos, deixando atrás de si a inquietação, a dúvida, a incerteza dos dias que se aproximam. Daí, o desejo sempre crescente de fuga do lar paterno, do abandono das terras, da sede de gozo, de prazer, de vida fácil e cómoda.

Felizmente, ao lado desta sementeira de erros e de mentiras, vai-se fazendo uma outra, não menos fecunda, que começa a despertar enormes boas vontades, capazes de se sacrificarem por uma renovação espiritual, moral e social dos nossos campos.

Há, porém, problemas de tal modo difíceis e urgentes, que não bastará a boa vontade e generosidade dos rurais para conseguirem a solução desejada.

Há que olhar bem de frente para o problema, para que não tenhamos a desgraça de ver o meio rural afastar-se de Cristo e da sua Igreja.

A J. A. C. F. tem andado empenhada numa campanha de fixação e permanência das raparigas, nas suas casas, nas suas aldeias. Embora tenha conseguido já um pouco não é contudo o necessário para pôr um travão ao grande número de raparigas que, diariamente, abandonam o seu lar, a sua família, a sua terra, à procura do grande mundo, do prazer deslumbrante da cidade.

Não desconhecemos quão difícil se torna esta campanha, pelos múltiplos problemas que lhe estão directamente ligados. Assim, a exiguidade de salários, a falta de habitações condignas, a falta de trabalho em certas épocas do ano, a falta de instrução e de preparação das raparigas para a vida familiar, o trabalho da mulher fora de casa e o abandono da mesma, a falta de divertimentos são e honestos, a falta de um apoio na velhice ou na invalidez, a falta de transportes e de escolas especializadas à formação de chefes para o meio rural, são grandes obstáculos a um progresso real e benéfico em favor da educação das nossas raparigas.

Graças a Deus que no momento presente, já muitos se debruçam sobre estes magnos problemas, de cuja solução depende a perda ou a salvação do meio agrário.

Há que criar uma mentalidade agrária; há que formar um grupo de pessoas que se sintam verdadeiramente responsáveis pelos problemas do meio e que estejam dispostas a sofrer, a lutar para que ao meio rural português seja dada a atenção que ele merece, por ser o meio que predomina no País e pelo amor com que sempre se têm dedicado às causas de Deus e da Pátria.

Se é notável a acção benéfica de certas obras que se têm debruçado um pouco sobre as necessidades e graves problemas do meio rural, sentimos grande alegria ao verificar que a J. A. C. F. caminha na vanguarda, movimentando 30.000 raparigas do campo, a quem procura dar uma formação integral, orientando-as em todos os aspectos da sua vida: familiar, religiosa, profissional, social cívico e moral.

Queremos que a rapariga seja dentro da sua casa, a filha dedicada e carinhosa que a todos procura comunicar a alegria da sua vida juvenil, auxiliando os pais nos pesados encargos familiares, sendo a guardiã vigilante de seus irmãos procurando atraí-los ao lar, criando à sua volta um ambiente de felicidade e de bem estar.

Queremos dar-lhe uma formação religiosa que seja consciente e vivida, de modo a reflectir-se nos pequeninos actos de cada dia. Procuramos desfazer a superstição irreal e grosseira, fazendo de cada rapariga do campo, uma católica convicta, que sabe o que vale, o que quer e para onde vai.

Queremos, enfim, que sejam boas profissionais, que ganhem o seu dinheiro com honestidade, com o nobre orgulho de quem sabe cumprir o seu dever.

Procuramos criar nelas o gosto pelas recreações lícitas, pela observação do que a cerca, e que a pode elevar, pela formação intelectual, pelo aproveitamento de todos os dons naturais, de que a maior parte é dotada.

São grandes, as nossas ambições; e temos verificado que, dentro dos poucos recursos que possuímos, muito temos conseguido já.

No entanto, há muito mais ainda por fazer. O caminho é longo e duro; mas confiamos e esperamos na colaboração amiga e interessada de todos quantos nos possam ajudar a tornar a gente dos nossos campos mais cristã e mais portuguesa.

Maria Adriana Lima

A hora mais missionária da História da Igreja

A hora da unificação do mundo é, sobretudo, a hora da extensão e da intensificação do apostolado dos leigos na escala e na medida desse mundo novo.

O crescimento das populações e sobretudo das populações pagãs; os avanços fulminantes da ciência, da técnica e da cultura; a ascensão das massas às novas formas da produção, da cultura e do bem estar; as passagens bruscas e rápidas a formas tão variadas de civilizações; todos esses fenômenos de massificação, e despersonalização e automatismo; essa unificação do mundo com o seu antagonismo, o seu dualismo interior e totalitário; toda essa evolução, essa transformação, *essa convulsão se passa no plano da vida leiga*, na vida, no meio, nas instituições do mundo leigo.

Os grandes poderes e as possibilidades que essas transformações encobrem e trazem em si, cabe aos leigos desenvolvê-las, como cabe aos leigos superar os perigos que elas comportam. Elas tornaram o leigo maior. Pois que é o primeiro e imediato responsável na sua vida pessoal, na sua vida familiar, profissional, social, cultural e cívica, no plano nacional e internacional. *Essas responsabilidades são para um cristão responsabilidades apostólicas e missionárias, pessoais e inalienáveis.*

Donde, a urgência de uma presença, de uma acção dos cristãos, que deve *inspirar essa evolução do temporal*. A evolução presente exige: cristãos que vivam intensamente o seu cristianismo, a sua pertença a Jesus Cristo; que vivam ainda conscientemente a sua mensagem, o seu Evangelho, e isso, na sua vida pessoal toda, com todas as suas exigências leigas; — cristãos que tenham consciência duma missão explícita: que saibam que são chamados a trabalhar na extensão do reino de Deus; — cristãos que penetrem todos os domínios, todos os aspectos, todas as instituições do mundo moderno, como testemunhas de Cristo, como portadoras da doutrina da Igreja; — cristãos que compreendam toda a importância que tem a formação de *comunidades de apostolado*, para a existência de um *apostolado organizado*.

(Do discurso de Mons. José Cardijn no Congresso dos Leigos).

AS REUNIÕES DA EQUIPA



1.ª REUNIÃO

- I — Oração Jucista pelo nosso Congresso
- II — Avisos
- III — Dedicção da Basílica de S. João de Latrão — dia 9 de Novembro
É a primeira basílica de Roma e antigo palácio oferecido ao Papa por Constantino. Consagrada no séc. IV e chamada de S. Salvador. Foi dedicada a S. João Baptista no séc. XII.
Meditação:
Consideremos o templo nestes três sentidos: a Igreja, as igrejas e a nossa alma.
«O templo do Senhor está sólidamente edificado sobre a pedra firme». Ps. 137, 2.
Deus que, de pedras vivas e escolhidas, preparais eterno templo à vossa Majestade». Postcom.
«A minha casa será chamada casa de oração...» Mat. 21, 13.
E nas nossas almas, templos do Espírito Santo, não terão entrado vendilhões?
«Desce depressa, porque quero ficar hoje em tua casa». Luc. 19, 1-10.
«Senhor, meu Deus, na simplicidade do meu coração tudo vos ofereci com alegria e vi com imenso gáudio o vosso povo aqui reunido». Ofert.
- IV — Campanha de Férias: conhecimento, participação, resultados.
Organização da vida da Equipa.
A vida da Jucf na Secção.

2.ª REUNIÃO

- I — Oração Jucista pelas Caloiras
- II — Avisos
- III — 24.º Domingo depois de Pentecostes — Fim do ano litúrgico.
Meditação:
A Missa fala da 2.ª vinda de Cristo, não na obscuridade do presépio, mas...: «Então aparecerá o sinal do Filho do Homem, vindo sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade». Mat. 24, 15-35.
Essa vinda parece inspirar ora pavor, ora confiança.
«E, se não se abreviassem aqueles dias, não ficaria salva pessoa alguma; porém abreviar-se-ão, em atenção aos escolhidos». Evang.
«Desde o mais profundo abismo clamei a vós, Senhor». Ps. 129, 12.
«Em verdade vos digo, tudo o que pedirdes na oração, crendo que o recebereis, vos será concedido». Com. Marc. 11, 24.
«Eu tenho pensamentos de paz e não de aflição: vós me invocareis, Eu vos ouvirei...» Int.
Interessa seguir o Caminho dos escolhidos, dos que poderão ter paz e alegria na vinda de Cristo. São oportunas as palavras de S. Paulo: «Que sigais cheios do conhecimento... até «na ciência de Deus». Ep. Col. 1, 9-14.
- IV — Temas para reflexão
- A — A dignidade da Mulher (Disc. do S. P. Pio XII em 21 Out. 1945)
O problema da mulher, no seu conjunto, como em cada um dos seus múltiplos aspectos particulares, consiste inteiramente no aumento e na conservação da dignidade que a mulher recebeu de Deus. Por consequência, o problema não é para nós de ordem puramente jurídica ou económica, pedagógica ou biológica, política ou demográfica: em toda a sua complexidade, gravita unicamente à volta desta questão: como conservar e reforçar a dignidade da mulher, sobretudo hoje em dia, nas conjunturas em que a Providência nos colocou. Ver o problema de outra maneira, considerá-lo unicamente sob um ou outro dos aspectos mencionados, seria iludi-lo

sem proveito algum para ninguém, muito menos para a própria mulher. Separá-lo de Deus, da sua santíssima vontade, é desvirtuar o ponto essencial da questão, quer dizer, a dignidade verdadeira da mulher, dignidade que ela somente de Deus recebeu e em Deus possui.

Acontece que não estão aptos para encarar justamente a questão feminista aqueles sistemas que excluem Deus e a sua Lei da vida social e só concedem aos preceitos da religião, quando muito, um humilde lugar na vida particular do homem.

Em que consiste, portanto, essa dignidade que a mulher recebeu de Deus?

Interrogai a natureza humana, tal como Deus a formou, elevou, resgatada pelo sangue de Cristo.

Na sua dignidade pessoal de filhos de Deus, o homem e a mulher são absolutamente iguais, como também com respeito ao último fim da vida humana, que é a união eterna com Deus, na felicidade do Céu. É glória imperecível da Igreja, ter posto em evidência e na devida honra esta verdade, e ter libertado a mulher de uma escravidão degradante, contrária à natureza. Mas o homem e a mulher não podem manter e aperfeiçoar essa dignidade senão respeitando e pondo em prática as qualidades físicas e espirituais indestrutíveis, cuja ordem não é possível desbaratar sem que a própria natureza acabe sempre por restabelecê-la.

Esses caracteres particulares, que distinguem os dois sexos manifestam-se com tanta clareza, aos olhos de todos, que só uma cegueira obstinada um doutrinarismo não menos funesto que utopista poderia desconhecer ou ignorar o seu valor na ordem social.

Há mais. Os dois sexos, pelas suas próprias qualidades particulares, são ordenados um e ao outro, de tal forma que essa mútua coordenação exerce a sua múltipla influência em todas as manifestações da vida do homem na sociedade.

B — A Maternidade. Função Natural da Mulher (Disc. citado).

A função da mulher aparece nitidamente traçada pelos caracteres, pelas aptidões, pelas faculdades particulares do seu sexo. Ela colabora com o homem, mas daquele modo que lhe é próprio, segundo a sua tendência natural. Ora a função da mulher, a sua inclinação natural é a maternidade. Toda a mulher é destinada a ser mãe no sentido físico da palavra, ou então num sentido mais espiritual e elevado, mas não menos real.

O Criador ordenou para esse fim todo o ser próprio da mulher, o seu organismo, mais ainda o seu espírito e, sobretudo, a sua delicadíssima sensibilidade. Por consequência, a mulher verdadeiramente mulher, não pode ver nem compreender a fundo todos os problemas da vida humana a não ser sob o aspecto da família. É por isso que o sentimento subtil que ela tem da sua dignidade a lança na inquietação, sempre que a ordem social ou política ameaça prejudicar a sua missão maternal, o bem da família.

C — a) Como se encara habitualmente (no meio familiar e na Universidade — professores e colegas) a dignidade feminina: inferioridade em relação ao homem, igualdade indiscriminada de direitos e deveres, respeito pelas diferentes funções?

b) Que aceitação — nas ideias e nas atitudes de vida — tem no mundo feminino de hoje esta verdade: a função natural da mulher é a maternidade?

Considerar diferentes gerações e, se possível, diferentes meios sociais.

c) Ver: 1 — na ordem teórica, a importância desta verdade para a escolha de um curso.

2 — na ordem prática, em que medida se atende a isso.

3.ª REUNIÃO

I — Oração Jucista pela Campanha do Natal

II — Avisos

III — S. Francisco Xavier, Confessor (3 de Dezembro)

Séc. XVI. É um dos primeiros «soldados» da Companhia de Jesus, fundada por S. Inácio no princípio da idade moderna para «combater a barbárie do espírito».

Natural da Navarra. Descendente de reis. Estudante e professor de filosofia em Paris. Apóstolo das Índias.

Meditação:

«A verdade do Senhor permanece eternamente» (Int.-Ps. 116, 1-2).

«...Como acreditarão em quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não têm pregadores?» (Epist. Rom. 10, 10-18).

«Ide por todo o mundo; pregai o Evangelho a toda a criatura» (S. Mar. 16, 15-18).

«A minha verdade e a minha misericórdia estão com ele e no meu nome será exaltado o seu poder» (Ofert. Ps. 88-25).

IV — Organização da Campanha do Natal.

4.ª REUNIÃO

I — Oração Jucista pela nossa preparação para o Natal

II — Avisos

III — Recortes dos 4 domingos do Advento.

Os escritores sagrados transbordam de esperança:

«A nossa terra produzirá o seu fruto» (Ps. 84, 13-Com. 1.º Dom.).

«Não temas Maria... darás à luz um filho» (Luc. I, 30-31).

«Eis que o Senhor virá» (Lac. 14, 5).

«Vosso salvador chegará» (Is. 52, 9).

«...eis que o Senhor virá salvar as nações» (Is. 30, 30).

«Deus virá manifestamente» (Ps. 49, 2, 3. 5-Grad.).

«Eis que o nosso Senhor virá com poder e iluminará os olhos dos seus servos» (Is. 40, 10).

«...esperai porque ele virá sem tardar» (Mat. 2, 3).

«O Senhor está perto» (Epist. S. Paulo Fil. 4, 4-7).

«O dia do Senhor está próximo; eis que Ele virá para nos salvar» (Jo. 2, 1).

«Eis que virá o desejo das nações».

«E todo o homem verá o Salvador enviado por Deus» (Luc. 3, 1-6).

A Igreja insta com o Redentor:

«Vinde...» (Or. 1.º Dom.).

«Vinde, Senhor e não tardeis» (Is. 40, 4).

«...e esclarece a nossa alma com a graça da vossa visita» (Oraç. 3.º Dom.).

A liturgia sacode-nos para prepararmos a vinda:

«Já é chegada a hora de nos levantarmos do sono... A noite passou e o dia se aproxima. Deixemos, portanto, as obras das trevas e tomemos as armas da luz» (Epist. 1.º Dom.).

«O Senhor virá; ide ao seu encontro» (Is. 9, 6).

«...buscai o Senhor...» (Is. 55, 1).

«Endireitai o caminho do Senhor...» (Is.).

«Vivamos em justiça, à espera da vinda do Senhor».

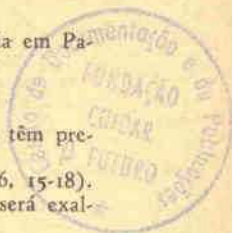
«Levanta-te, ó Jerusalém, e põe-te no alto e vê o regozijo que Deus te envia» (Com. Ps. 84, 13).

IV — Temas para reflexão

A — Ausência da Mulher no Lar Doméstico (Disc. do S. P. Pio XII em 21 Out. 1945).

Eis que a mulher, para aumentar o salário do marido, vai trabalhar na fábrica, deixando, durante a sua ausência, a casa ao abandono; esta, talvez já escura e pequena, torna-se ainda mais miserável por falta de cuidados; as pessoas da família trabalham cada uma separadamente, nos quatro cantos da cidade e a horas diferentes; quase nunca se encontram juntas, nem para o jantar, nem para o descanso, depois das fadigas do dia, ainda menos para a oração em comum. O que fica da vida familiar? E que atractivo pode elle oferecer aos filhos?

A essas tristes consequências da ausência da mulher e da mãe no lar doméstico, junta-se outra ainda mais deplorável; e diz respeito, sobretudo, à educação da rapariga, e à sua preparação para a vida verdadeira. Habituada a ver sempre a mãe fora de casa e a própria casa tão triste no seu abandono, ela será incapaz de lhe



encontrar qualquer encanto: não sentirá o mais pequeno gosto para as severas ocupações domésticas; não saberá compreender a sua nobreza e beleza, nem desejará consagrar-se-lhe, um dia, como esposa e como mãe.

Isto é verdade em todas as classes sociais, em todas as condições de vida. A filha da mulher mundana, que vê todo o governo da casa entregue as mãos de pessoas estranhas, e a mãe toda absorvida em ocupações frívolas, em fúteis divertimentos, seguirá o seu exemplo; quererá emancipar-se o mais depressa possível, e, segundo uma bem triste expressão, viver a sua vida. Como poderia ela conceber o desejo de vir a ser, um dia, uma verdadeira rainha, isto é, uma dona de casa numa família feliz, próspera e digna? Quanto às classes trabalhadoras, obrigadas a ganhar o pão de cada dia, se a mulher pensasse bem nisso, talvez compreendesse que, muitas vezes, o lucro que obtém, trabalhando fora de casa, é facilmente devorado por outras despesas, ou ainda por desperdícios ruinosos para a economia familiar. A filha que vai também trabalhar para fora, numa fábrica, numa loja ou escritório, estonteada pela agitação do meio em que vive, deslumbrada pelo brilho de um luxo falso, ávida de prazeres funestos, que distraem mas não confortam nem descansam, nessas salas de revistas ou de danças, que, muitas vezes, com fins de propaganda de partidos, pululam por toda a parte e corrompem a juventude, essa pessoa, que despreza os sãos princípios da vida, como poderia não achar a modesta casa doméstica, inospitaleira e mais negra do que ela é, na verdade? Para lhe tomar gosto, para desejar instalar-se nela, um dia, deveria saber compensar a impressão natural com a seriedade da vida intelectual e moral, com o vigor da educação religiosa e do ideal sobrenatural. Mas, que formação religiosa recebeu ela, em tais condições?

E não é tudo. Quando, com o decorrer dos anos, a sua mãe, envelhecida antes de tempo, gasta e alquebrada pelas fadigas superiores às suas forças, pelas lágrimas, a vir regressar à noite, bastante tarde, longe de encontrar nela um auxílio, um amparo, terá que fazer ela própria junto de sua filha, incapaz, por falta de hábito de tratar das ocupações femininas da casa, todos os serviços de uma criada. A sorte do pai não será melhor, quando a idade adiantada, as doenças, o desemprego, o obrigarem a depender, no seu modesto sustento, da boa ou má vontade dos filhos.

- B — a) Verificar, se os males, que o S. P. aponta para a operária, se encontram, entre nós, nas mulheres de outros meios sociais. O caso das mulheres diplomadas.
b) A conciliação da nossa vida de estudo com a vida familiar e caseira. Dificuldades. Remédios.
c) Procurar em que medida — e apesar de tudo — a passagem pela universidade nos poderá ajudar na realização da nossa vocação maternal.

== NATAL ==

POBRE MENINO JESUS
HOMENS E BOIS TE ADORARAM
E MAIS TARDE NUMA CRUZ
HOMENS TE MARTIRIZARAM.

VINTE SÉCULOS DEPOIS,
OS HOMENS NÃO MELHORARAM
E AINDA SÃO MANSOS OS BOIS.

(João Saraiva — *Líricas e Sátiras*)